



## ***A Ilha: um repórter brasileiro nos caminhos do Novo Jornalismo***<sup>1</sup>

Camila Aguiar de Oliveira LOPES<sup>2</sup>

Naiana RODRIGUES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO:**

O *New Journalism*, surgido na década de 60, nos Estados Unidos, influenciou a produção de muitos jornalistas, inclusive no Brasil. Com a proposta de um texto mais profundo e permanente, os jornalistas que se aproximaram da Literatura foram responsáveis pela publicação de diversos livros-reportagem que ilustram os novos caminhos do Jornalismo impresso. O objetivo deste artigo é resgatar um pouco da história de aproximações e reaproximações entre Jornalismo e Literatura, a partir, principalmente, do livro *Jornalismo Literário* de Felipe Pena, e analisar o livro *A Ilha*, do jornalista Fernando Morais, que é um dos grandes exemplos das produções dentro do Novo Jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; novo jornalismo; jornalismo impresso; Fernando Morais

### **Introdução**

Na História da palavra escrita, muitas foram as mudanças que aconteceram e transformaram o modo de acesso à informação e ao conhecimento da humanidade. Na Comunicação – que é, juntamente com a Literatura, uma das principais formas de manifestação da palavra escrita – não foi diferente. Desde as formas de comunicação interpessoais mais primitivas, efetivadas simplesmente por meio de gestos ou sons, à chegada das tecnologias atuais que facilitam e aceleram incomparavelmente todos os processos, o Jornalismo tem acompanhado e se adaptado a todas as formas de comunicação e relação sociais que se estabeleceram ao longo da História.

A Imprensa de Gutenberg<sup>4</sup> foi o primeiro passo no caminho que levou o Jornalismo às suas configurações atuais. Com a possibilidade de impressão em papel em grandes quantidades, pôde-se pensar na produção de textos que chegassem a uma quantidade de pessoas muito maior do que a que antes era alcançada com a produção de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, e-mail: [aguiar.cah@gmail.com](mailto:aguiar.cah@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora de Jornalismo da UFC, e-mail: [naianarodrigues@gmail.com](mailto:naianarodrigues@gmail.com)

<sup>4</sup> Forma moderna de impressão de livros (a prensa móvel) que possibilitou a divulgação e cópia muito mais rápida de livros e jornais, inventada por Gutenberg.



manuscritos. A partir de então, foi possível acompanhar as mais diversas transformações ocorridas não apenas nos tipos e objetivos dos jornais impressos, mas também no papel e na identidade dos jornalistas, que não são os mesmos de há dois ou três séculos e tampouco os serão daqui a alguns anos.

Saltando na História até a década de 1960, vamos nos encontrar com o chamado Jornalismo Literário, que ganhou fama a partir da obra de Truman Capote, o livro *A Sangue Frio*, publicado em 1966. Nascidas como tentativas de superar os limites da objetividade do jornalismo tradicional e das amarras do *lead* jornalístico, as novas possibilidades de escrita conquistaram muitos jornalistas pelo mundo. Alguns dos principais nomes que obtiveram sucesso com o novo estilo textual que aproxima o Jornalismo e a Literatura são: Truman Capote, autor do livro através do qual o *New Journalism* ganhou este nome; Tom Wolfe, responsável pela publicação do Manifesto do *New Journalism* em 1973; Hunter S. Thompson, criador do Gonzo Jornalismo, uma versão mais radical do *New Journalism*; e, no Brasil, Joel Silveira, pioneiro na utilização desse estilo no país, e Fernando Morais, autor de biografias como *Olga e Chatô, o Rei do Brasil*.

Fernando Morais é também autor de *A Ilha (um repórter brasileiro no país de Fidel Castro)*, livro-reportagem que conta a visita do repórter brasileiro a Cuba em 1976. Morais desembarcou no país de Fidel Castro em plena Ditadura Militar no Brasil, regime que havia rompido relações com a nação socialista. Foi nessa atmosfera de guerra e conflito entre o bloco socialista e o bloco capitalista que o repórter saltou em solo cubano e escreveu uma das melhores reportagens já produzidas sobre Cuba. *A Ilha* tornou-se um dos maiores sucessos editoriais no Brasil e conquistou a esquerda política durante os anos de chumbo. Com uma linguagem simples e objetiva, Fernando Morais nos fornece todas as informações necessárias para compreender os caminhos que Cuba percorreu após a Revolução Socialista de 1959, sem fazer rodeios ou ser prolixo.

Este artigo se pretende uma breve revisitação à História do Jornalismo, especificamente a partir da década de 60, e uma análise do livro *A Ilha*, um dos maiores e melhores exemplos que podem ser utilizados para ilustrar a produção da nova linha de jornalistas que surgiu inicialmente nos Estados Unidos com anseios de fugir das amarras do cotidiano das redações.

### **Jornalismo e Literatura: caminhos e aproximações**



As dificuldades de classificação dos gêneros textuais existem desde os tempos mais antigos. Essas dificuldades se aprofundam ainda mais quando nos lançamos ao desafio de tentar conceituar e definir textos que surgem da hibridização de outros dois gêneros pré-existentes: o Jornalismo e a Literatura. Existem algumas tentativas de conceituação do Jornalismo Literário, como, por exemplo, acontece na Espanha, onde existem os chamados *periodismo de creación*, que determina textos exclusivamente literários, mas que são publicados em jornais, e o *periodismo informativo de creación*, que abrange os textos com finalidade informativa e estética narrativa bem trabalhada.

Para compreender em que momento o texto jornalístico se aproximou do gênero literário precisamos conhecer uma personagem importante da História da palavra escrita: o folhetim. Este estilo discursivo é a marca principal da confluência entre Jornalismo e Literatura. O folhetim ganha espaço na sociedade a partir do século XIX, principalmente na França e na Grã-Bretanha, com a eclosão do Jornalismo popular. A partir de então, torna-se massiva a publicação de textos literários em jornais. Segundo o autor Felipe Pena (2008), “publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante” (PENA, 2008, p. 29).

O folhetim trouxe maiores lucros para os donos de jornais e também foi um bom negócio para os escritores, que a partir de agora ganhavam maior visibilidade, já que seus textos eram lidos por muitas pessoas. Além disso, o folhetim também tinha algumas peculiaridades que lhe conferiam exclusividade narrativa, como, por exemplo, a adoção de uma linguagem simples e acessível, o que possibilitou a democratização da leitura e o acesso de um público vasto, de todas as classes, aos textos literários.

No Brasil, vários escritores passaram por jornais nos séculos XIX e XX: Machado de Assis, José de Alencar, Raul Pompéia, Visconde de Taunay, Joaquim Manoel de Macedo, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Manuel Antônio de Almeida, que, segundo Felipe Pena (2008), foi o pioneiro na utilização do folhetim, com a publicação de *Memórias de um sargento de milícias* no *Correio Mercantil*, em 1852.

No século XIX, os jornais estavam muito próximos da Literatura, no entanto, isso mudou a partir de 1950, com as transformações na linguagem das narrativas jornalísticas, que agora exigiam objetividade e concisão. A Literatura passa a ser apenas suplemento dos jornais, aparecendo em cadernos literários como o “*Le Monde des livres*”, lançado em fevereiro de 1967 no jornal francês *Le Monde*, e o caderno “*Idéias*”, publicado aos sábados no *Jornal do Brasil* a partir de 1986.



É no século XX, portanto, que o Jornalismo tenta se reaproximar da Literatura, com o surgimento do Novo Jornalismo.

### **Jornalismo Literário: o Novo Jornalismo e suas vertentes**

O Novo Jornalismo surgiu nos Estados Unidos em 1920 e atingiu seu auge na década de 60, quando ganhou o nome de *New Journalism* com o livro *A Sangue Frio* de Truman Capote, um “romance não-ficcional”<sup>5</sup>, considerado a primeira obra do gênero. O Manifesto do *New Journalism* foi escrito por Tom Wolfe, um dos maiores nomes da área, em 1973. No livro *Jornalismo Literário* Felipe Pena (2008) esclarece que

o que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico (PENA, 2008, p. 53).

O desenvolvimento dessa forma de jornalismo está relacionado com as coberturas de notícias de guerra, durante a Segunda Guerra Mundial. Os jornalistas perceberam que os padrões da narrativa jornalística convencional não eram suficientes para reproduzir a dramaticidade da guerra. Segundo Felipe Pena (2008), “a idéia básica do Novo Jornalismo (...) é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos” (PENA, 2008, p.54).

Mas o autor ainda alerta que não se trata apenas de fugir das regras de objetividade do jornalismo da redação nem de exercitar a narrativa literária em um livro-reportagem. O conceito de Jornalismo Literário vai muito mais além:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p. 13).

No Brasil, Euclides da Cunha é considerado o precursor do Jornalismo Literário. Ele foi enviado para cobrir a Guerra de Canudos, de 1893 a 1897, e suas reportagens deram origem ao clássico *Os Sertões*. Na década de 60, essa nova forma de fazer

---

<sup>5</sup> Termo sugerido por Truman Capote.



jornalismo foi adotada pela *Revista Realidade* e pelo *Jornal da Tarde*, ambos de São Paulo.

A produção de livros-reportagem é uma das maiores contribuições do Jornalismo Literário. Diante do crescimento dos veículos de comunicação, que culminou no aumento do número de reportagens nos jornais e do espaço tomado pelo conteúdo publicitário nos veículos de comunicação, os jornalistas buscaram outro caminho que possibilitasse uma maior dedicação aos conteúdos das notícias. Para Edvaldo Pereira Lima (2009), o livro-reportagem “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e idéias de relevância social” (LIMA, 2009, p. 1). O livro-reportagem é constituído por textos mais detalhados, com liberdade de estilo e narrativa com mais profundidade. “O livro-reportagem é o jornalismo da permanência e da profundidade, sem a volatilidade e a pressa das edições paridas por rotativas a cada 24 horas e com mais prazo de elaboração do que as revistas” (NECCHI, 2009, p. 106).

No Brasil, a produção de livros-reportagem segue uma forte tendência para a biografia. O jornalista Fernando Morais é um dos maiores exemplos de escritores de biografia do país, já tendo publicado as biografias de Olga Benário (*Olga*, de 1985) e Assis Chateaubriand (*Chatô, o rei do Brasil*, de 1994). Ruy Castro também é um grande nome entre os biógrafos brasileiros; escreveu as biografias de Nelson Rodrigues (*O anjo pornográfico*, de 1992), Garrincha (*Estrela solitária – Um brasileiro chamado Garrincha*, de 1995) e Carmen Miranda (*Carmen: Uma Biografia*, de 2005). Entretanto, há também uma produção rica em Jornalismo Literário no Brasil que vai além das biografias. Um exemplo é o livro *A Ilha*, de Fernando Morais, lançado em 1974.

### ***A Ilha: um repórter brasileiro nos caminhos da literatura***

Fernando Morais é um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro atualmente. Nascido em Minas Gerais, já trabalhou nas redações da *Revista Veja*, *Jornal da Tarde*, *Folha de São Paulo*, *TV Cultura* e *Portal IG*. Seu trabalho, reconhecido por todo o país, já lhe rendeu por três vezes o *Prêmio Esso de Jornalismo* e por quatro vezes o *Prêmio Abril*. Fernando Morais também atuou na política, ocupando o cargo de deputado estadual durante oito anos e de Secretário de Cultura e de Educação do Estado de São Paulo durante os anos de 1988-1991 e de 1991-1993, respectivamente.



*A Ilha (um repórter brasileiro no país de Fidel Castro)*, lançado em 1976, foi o primeiro livro publicado por Fernando Morais e representou um de seus maiores mergulhos no campo do Jornalismo Literário. A obra alcançou grande sucesso, tornando-se um ícone da esquerda brasileira nos anos 70 e foi a partir de então que o jornalista abandonou a rotina das redações e passou a se dedicar aos livros.

O livro foi o resultado de uma visita de 60 dias de Fernando Morais a Cuba, onde o jornalista pôde apurar informações sobre o governo Castrista pós-Revolução e vivenciar o cotidiano de um país socialista fechado para o resto do mundo. Com uma linguagem clara e acessível, o livro nos permite ter acesso a informações sobre Cuba às quais possivelmente não tivemos ou não teríamos através da imprensa tradicional. O próprio jornalista, em entrevista à *Revista Preá*<sup>6</sup> esclarece que o que interessou para ele na época da apuração de informações para a produção do livro foi “aquilo que não foi visto pela mídia na época, pelos observadores, pela Academia”, um exercício inclusive proposto pelo Novo Jornalismo. Na entrevista, quando perguntado se vê semelhanças entre o seu estilo literário, o de Zuenir Ventura e o de Caco Barcellos com o desenvolvido, por exemplo, nos EUA por Tom Wolfe e Gay Talese, expoentes do *New Journalism*, Fernando Morais responde:

Sim. Tem inspiração nesses caras, no tal *New Journalism*, que é o seguinte: é o jornalismo que está fora da redação ou até que às vezes está dentro da redação, mas conta com tempo para elaborar o texto de uma tal maneira que o leitor tem a impressão de que: primeiro, ele está vendo aquilo; segundo, que pode ser um romance. Tem a fluência de um romance, mas que sem em nenhum momento faça uso de ficção (MORAIS, 2005).

No exercício de aprofundamento da narrativa proposto pelo Jornalismo Literário, Felipe Pena (2008) enumera quatro recursos básicos do Novo Jornalismo:

1. Reconstruir a história cena a cena;
2. Registrar diálogos completos;
3. Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens;
4. Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens.

---

<sup>6</sup> Revista da Fundação José Augusto, do Rio Grande do Norte. Disponível no site da Fundação: <http://www.fja.rn.gov.br>



Na análise do livro-reportagem deste artigo, *A Ilha*, de Fernando Morais, percebemos que os dois últimos recursos são bastante utilizados pelo autor, que nos apresenta uma Cuba contada por seus cidadãos comuns, trabalhadores e defensores do sistema socialista, além de reproduzir em seu texto questões subjetivas deixadas de lado pelo texto jornalístico convencional, que jamais permitiria ao leitor ter acesso às reações gestuais e expressões faciais dos entrevistados, por exemplo, presentes durante toda a narrativa de Fernando Morais.

A profundidade da narrativa, escrita em primeira pessoa, proporciona ao público uma leitura de maior qualidade e muitos horizontes de interpretações. A condução da narrativa de Fernando Morais é também um mérito do jornalista que possibilita uma leitura leve e agradável. O autor passa de um ponto a outro do assunto em questão sem interromper bruscamente a linha de pensamento em curso. O também jornalista Antônio Callado, no prefácio à 21ª edição do livro, de 1984, define a produção de Fernando Morais como uma reportagem “sólida e cerrada como uma fortaleza nos dados que apresenta, mas ao mesmo tempo transparente, pois deixa ver dentro dos muros a alegre atividade de um povo empenhado na autoria de si mesmo” (CALLADO, 1984).

Para entender a Cuba socialista que surgiu em território americano a partir de 1959 e as mudanças pelas quais o país passou que estão expostas em *A Ilha*, é preciso conhecer um pouco da história do país em meados das décadas de 50, 60 e 70.

Mesmo após a independência de Cuba, em 1898, o país ainda mantinha relações de dependência política e econômica muito próximas com os Estados Unidos, relações estas que eram garantidas e mantidas pelos governos locais ditatoriais, como os de Gerardo Machado e Fulgêncio Batista. Os movimentos guerrilheiros de oposição às ditaduras ganharam força a partir de 1956, sob a liderança de Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto “Che” Guevara. A última ditadura sob a qual o país esteve submetido, dirigida por Fulgêncio Batista, caiu em 31 de dezembro de 1958. A partir de 1959, o governo revolucionário passou a adotar medidas administrativas que iam de encontro aos interesses dos Estados Unidos no país.

A realização da reforma agrária e nacionalização das refinarias de açúcar, usinas e indústrias – a maior parte pertencentes a norte-americanos – levaram os Estados Unidos a suspender a importação do açúcar cubano. Sendo a venda do açúcar vital à economia de Cuba, um novo mercado precisaria ser criado, e o país voltou-se para os soviéticos (VICENTINO, 1997, p. 431).



Em plena Guerra Fria, a aproximação de Cuba com a União Soviética foi decisiva para a eclosão dos conflitos diplomáticos que se evidenciaram após a manifestação do caráter socialista da Revolução que derrubou a ditadura de Fulgêncio Batista. Em meio ao clima de guerra que pairou sobre os horizontes de muitos países a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, Cuba se desenvolveu com um governo socialista que efetivou profundas mudanças políticas, econômicas e sociais.

Em seu livro, Fernando Morais apresenta essas mudanças divididas em temas: “O Cotidiano”; “A Cultura, as Relações com o Mundo”; “O Racionamento”; “Um País sem Favelas”; “A Nova Escola”; “A Saúde”; “Imprensa”; “A Mulher”; “Eleição, Justiça”; “Reforma Agrária, Economia” e “A Revolução Onipresente”.

Em “O Cotidiano”, a primeira parte do livro, o autor já começa sua escrita nos moldes do Novo Jornalismo, narrando em primeira pessoa e inserindo no texto suas impressões e experiências pessoais sobre o ambiente ao redor:

A bordo de um quadrirreator *Ilyushin-62* vendido pela *Aeroflot* à *Cubana de Aviación* (ainda com a marca soviética pintada na fuselagem) a aeromoça oferece, em lugar dos tradicionais jornais diários, um suplemento de 64 páginas sobre a vida do guerrilheiro Camilo Cienfuegos, um dos combatentes da Sierra Maestra, morto em 1960. Estou a caminho de Cuba (MORAIS, 1974, p. 23).

O início do livro nos conta sobre os costumes e comportamentos diários dos cidadãos de Cuba. A reação do carregador de malas do hotel quando o jornalista lhe oferece uma gorjeta ilustra o desaparecimento desse tipo de atitude no país. O autor nos conta também sobre o turismo, a prostituição e as drogas e até mesmo sobre o uso da barba pelos homens cubanos. Em outra parte do texto, “A Saúde”, Fernando Morais usa a si mesmo como personagem para ilustrar a situação do sistema de saúde em Cuba, que melhorou significativamente nos anos seguintes à Revolução.

Ainda na obra, o autor aborda, por exemplo, os investimentos em educação na zona rural e a consonância entre aprendizado e produtividade (em “A Nova Escola”), sobre a liberdade de imprensa que, de fato, não existe no país (em “Imprensa”) e sobre o apoio da população ao governo Castrista (em “A Revolução Onipresente”), onde o jornalista deixa claro o quanto o povo cubano defende o regime socialista, principalmente devido às suas conquistas: o fim do desemprego, da miséria e do analfabetismo. O destaque que Fernando Morais dá a essas conquistas e ao apoio do



povo cubano à Revolução lhe rendeu algumas acusações de imparcialidade e de associação às idéias revolucionárias, efervescentes durante a Ditadura Militar no Brasil – mais uma das que foram apoiadas pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria como tentativa de afastar o perigo do comunismo. Em entrevista à *Revista Preá*, o jornalista fala sobre as críticas em relação aos direitos humanos em Cuba e esclarece sua posição diante do regime revolucionário:

Você não pode ver e analisar Cuba, como se estivesse olhando qualquer outro país. Eles estão a 160 quilômetros dos Estados Unidos. A hora em que piscarem o olho, os Estados Unidos invadem. Por muito menos, invadiram o Iraque. Mas os cubanos não vão baixar as calças, não adianta. Lá não é o Iraque. Lá tem uma revolução da qual a população inteira participou e continua participando. Há dissidentes? Há. Qualquer lugar do planeta tem dissidente, tem gente insatisfeita. Se você for à Noruega, que tem o mais alto padrão de vida do planeta, você encontra insatisfeitos. Então, eu sou solidário com Cuba, questiono algumas coisas, mas não me associo às críticas dos contra-revolucionários em nenhum momento (MORAIS, 1974).

### **Considerações finais**

Fernando Morais é um dos autores brasileiros que mais vende livros no Brasil e em outros 19 países. Sua obra é conhecida pela profundidade da narrativa e pela riqueza de detalhes, resultado das intensas pesquisas realizadas para a produção de um livro, seja ele uma biografia ou um livro-reportagem.

Eu procuro dar aos meus livros um tratamento estético que algumas pessoas chamam de literário. O que é isso? Simplesmente tentar dar ao texto final a fluência, a elegância e a sedução de uma obra literária. Isso não é algo que ocorra por acaso, eu sofro muito para chegar à forma final. E mesmo após reescrever 10, 12, 15 vezes um parágrafo ou um capítulo, é comum eu bater os olhos em um exemplar impresso do livro e ficar certo de que aquele trecho poderia ter ficado melhor (MORAIS apud PENA, p. 97 e 98).

O crescimento e o desenvolvimento tecnológico dos veículos de comunicação, mesmo dos jornais impressos, trouxe a possibilidade de divulgação de uma quantidade maior de notícias em uma publicação. Com a redução de espaço nos jornais e a rapidez com que as notícias passaram a circular, tornou-se difícil a produção de reportagens mais bem elaboradas e mais detalhadas. A predominância do jornalismo tradicional,



factual e objetivo nas redações dos jornais estimulou o surgimento de um grupo de jornalistas dispostos a ultrapassar as fronteiras do *lead* jornalístico e se debruçar sobre um texto mais sensível e interessante.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias e a expansão do acesso aos computadores e à Internet, mais uma vez vivemos mudanças profundas no modo de fazer Jornalismo e na identidade dos jornalistas. Com a rapidez de chegada das informações à Internet, é difícil que os veículos de comunicação impressos consigam competir com essa ferramenta. A situação abre espaço, portanto, à possibilidade de se fazer um Jornalismo mais profundo, que retorne às suas origens, experimentando reaproximações com a Literatura, como se propõe no Novo Jornalismo.

O jornalista Fernando Morais opina em entrevista à *Revista Preá* sobre os possíveis novos rumos do jornalismo impresso:

**Preá** – A Internet ameaça o jornalismo impresso?

**Fernando Morais** – Não. A Internet vai contribuir para a volta da grande reportagem nos jornais diários. A *hard news* vai ficar com a Internet e o jornalismo diário vai tratar dos grandes assuntos, das grandes reportagens.

Edvaldo Pereira Lima (2009) lembra que o Jornalismo Literário “avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística” (LIMA, 2009, p. 4). Podemos, então, refletir sobre o fato de que, embora o livro *A Ilha* fale de uma Cuba que não existe mais, a obra guarda seu valor até hoje, três décadas após sua publicação, como um documento de registro sócio-histórico do país, ao qual podemos retornar a qualquer momento, seja para pesquisar a história de Cuba, seja para revisitar a ilha pelas palavras e pela narrativa cadente de Fernando Morais.

## Referências Bibliográficas

COSTA, Tácito.; PORPINO, Gustavo. *O brasileiro médio não é melhor do que Severino*. Revista Preá. Rio Grande do Norte, nº 12., maio/junho, 2005. Disponível em: <[http://www.fja.rn.gov.br/arquivos/Prea\\_12\\_net.pdf](http://www.fja.rn.gov.br/arquivos/Prea_12_net.pdf)>. Data de acesso: 25/11/2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª edição. Barueri: Editora Manole, 2009.



MORAIS, Fernando. *A Ilha (Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro)*. 21ª edição. São Paulo: Editora Alfa-omega, 1984.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PÉRES, Luana S. *Influências e confluências do velho Novo Jornalismo brasileiro como ferramentas das narrativas do real*. In: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2008. Dourados, MS. Disponível em:  
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2008/resumos/R11-0218-1.pdf>>. Data de acesso: 25/11/2011.

RANGEL, J.B.; RIBEIRO, A.R. *A influência do movimento do Novo Jornalismo no jornalismo convencional do Brasil a partir da década de 60, com ênfase na produção de livros-reportagem*. In: INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2006. Ribeirão Preto, SP. Disponível em:  
<<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19446/1/Juliana+Rangel-Ariane+Ribeiro.pdf>>. Data de acesso: 25/11/2011.